

**NA CARNE DOS DIAS: UM FIO DE CONVERSA SOBRE A (DE)FORMAÇÃO NACIONAL EM  
PAULO ARANTES**

Beatriz VIEIRA\*

**Dans la chair des jours: un fil de conversation sur la (de)formation nationale dans  
Paulo Arantes**

**Résumé:** Motivé par les questionnements sur l'idée de «formation nationale» aux jours actuels dans le domaine de l'historiographie brésilienne, ce texte vise à réfléchir comment le «sens de la formation» a été construit par la branche de la théorie critique brésilienne qui s'est le plus consacrée à ce problème. En se basant sur les travaux du philosophe Paulo Arantes, en particulier les ouvrages *Sentimento da Dialética*, *Sentido da formação* (avec Otília Arantes), et les débats autour de l'ouvrage récemment lancé *Formação e desconstrução*, il s'agit de suivre un fil explicatif des catégories «formation», «nation», «déconstruction», et d'autres connexes, en comprenant comment la théorie critique les met en tension avec l'expérience historique concrète et spécifique du Brésil inséré dans le système-monde.

**Mot-Clés:** formation nationale; dialectique localisme-cosmopolitisme; déconstruction; Antonio Candido; Roberto Schwarz; Paulo Arantes.

**Resumo:** Motivado pelos questionamentos sobre a ideia de "formação nacional" nos dias atuais no campo da historiografia brasileira, este texto pretende refletir sobre como o "sentido de formação" foi construído pela vertente da teoria crítica brasileira que mais se dedicou ao problema. Com base nas obras do filósofo Paulo Arantes, especialmente *Sentimento da Dialética*, *Sentido da Formação* (escrito com Otília Arantes), e nos debates em torno do recém-lançado *Formação e desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*, busca-se seguir um fio explicativo das categorias "formação", "nação", "desconstrução", e outras correlatas, compreendendo como a teoria crítica as

---

\* Beatriz VIEIRA é Doutora pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, é professora associada e Coordenadora da Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Publicou o livro “*A Palavra Perplexa*” – Hucitec, Rio de Janeiro 2.ed. 2017, e artigos diversos – [beatriz.vieira@uerj.br](mailto:beatriz.vieira@uerj.br) ou [bea.vieira.trabalho@gmail.com](mailto:bea.vieira.trabalho@gmail.com)

coloca em tensão com a experiência histórica concreta e específica do Brasil inserido no sistema-mundo.

**Palavras-chave:** formação nacional; dialética localismo-cosmopolitismo; desconstrução; Antonio Candido; Roberto Schwarz; Paulo Arantes

\*

*Para os alunos e amigos do Grupo de Estudos  
ARTHS – Artes, Teorias e História, pela companhia  
intelectual e afetiva na aridez destes tempos  
pandemônicos.*

Pécuchet ajoute :

– Combien de questions autrement considérables, et encore plus difficiles !

D’où ils conclurent que les faits extérieurs ne sont pas tout. Il faut les compléter par la psychologie. Sans l’imagination, l’Histoire est défectueuse.

– Faisons venir quelques romans historiques !

(Gustave Flaubert. *Bouvard et Pécuchet*, Chap. IV. Œuvre posthume - parution 1881)

**Nations:** (Réunir ici tous les peuples).

**Philosophie:** On doit toujours en ricaner.

(Gustave Flaubert. *Dictionnaire des idées reçues*)

**Gente com noção de país** – Exemplo: “mas o que você quer rapaz? Se o capitalismo for pro buraco, o Brasil vai junto. Se não, podemos tomar uma carona.” (Chico Alvim, Poeta dos Outros).

**História** – Revanchismo.

(Paulo Arantes. *Diccionario de bolso: do Almanaque Filosofico Zero à Esquerda*)

## I. INÍCIO DE CONVERSA: CONTEXTUALIZAÇÃO À VOL D'OISEAU

Esta conversa – termo prioritariamente escolhido por Paulo Arantes para referir-se a suas palestras, debates ao vivo, textos de intervenção ou mesmo escritos filosóficos, nos quais ele mescla conceitos abstratos com termos cotidianos e coloquiais – tem como objetivo levantar alguns pontos de reflexão sobre um dos eixos centrais da Teoria Crítica brasileira, qual seja a ideia de “formação nacional”, considerando os questionamentos vigentes sobre seu sentido nos dias atuais, sobretudo no campo da historiografia brasileira. Mas se trata também de uma conversa porque não seria possível aqui, nem é minha intenção, um debate historiográfico aprofundado sobre o tema, em cruzamento com os inumeráveis trabalhos a respeito no campo teórico do assim chamado Pensamento Social Brasileiro, por sua vez com numerosas ramificações<sup>1</sup>. Conversemos, pois.

Ainda que a busca da origem de um conceito possa parecer pouco frutífera, ou um ultrapassado recurso historiográfico, romântico e oitocentista, certos indícios podem mostrar-se significativos para a compreensão de uma história intelectual ou movimento cultural. No caso das ideias ou conceitos de “nação” e “formação”, com sua forte carga justamente romântica e oitocentista, algumas intuições podem ajudar na reflexão proposta. Compreende-se bem, após a independência política de uma ex-colônia, como o Brasil, onde as vastas extensões territoriais e a exploração colonial dificultaram ou mesmo impediram a “solda” social, para usarmos uma expressão de Capistrano de Abreu que será retomada adiante, a importância de manifestações culturais e políticas para a construção da nação e a busca de um “sentido”, uma direção e um significado, para sua consolidação. No Brasil pós-independente – com seu inusitado projeto monárquico que o mantinha simultaneamente ligado à família real portuguesa e afastado das Repúblicas latino-americanas à volta, consideradas anárquicas à época –, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro somado ao movimento intelectual romântico, inspirados no Romantismo e Historicismo francês e alemão, buscavam organizar uma tradição nacional aceitável para inserir o país no “concerto das nações civilizadas”. Ao longo do século XIX, com a gradual consolidação do Estado monárquico, às custas da feroz repressão de

---

<sup>1</sup> Cabe frisar que escrevo do prisma de uma professora de Teoria da História e Historiografia literária. Talvez seja uma ousadia desmesurada tratar deste tema, especialmente envolvendo Paulo Arantes, em meio a tantos estudos já publicados, alunos, filósofos, “escombrólogos”, grupos de estudo, livros, trabalhos e disciplinas de pós-graduação etc. Mas as conversas de Paulo e Otilia são tão generosas em ideias e disponibilidade quanto seus escritos e “lives”, e lhes agradeço aqui publicamente. De resto, a dedicatória e a epígrafe explicam as razões deste artigo.

todos os movimentos de insurgência ocorridos, sobretudo no período regencial, novas formas de experiência política e temporal obtiveram como resposta descontinuidades e reconstituições conceituais [Araújo, 2008, *passim*], e os conceitos de nação e formação foram ganhando corpo. Após o fim da escravidão e a proclamação da República, acirraram-se os conflitos sociais e políticos derivados da mudança de regime sem mudança da estrutura agrária e com a forte marca dos quatro séculos da violência colonial e escravista em todos os aspectos da vida econômica, cultural e social. Na época, o olhar por assim dizer “correlacional” de Joaquim Nabuco, aberto às correspondências entre as diversas dimensões da vida social, bem como entre passado, presente e futuro do país, talvez seja o fator que permita Paulo Arantes elegê-lo como possível origem da Teoria Crítica Brasileira [Arantes, 2021c], ainda que outras escolhas sejam compreensíveis<sup>2</sup>. De todo modo, o período da 1ª República (1889-1930) é selado pela forte dificuldade de definição da cidadania e dos próprios contornos da república, envolvendo um vasto espectro de problemas que iam da criminalização das práticas culturais dos escravizados e indígenas até a tarefa missionária do Exército e dos literatos; dos debates sobre as teorias raciais e a inferioridade do brasileiro enquanto miscigenado até a tutela feminina e os requisitos do direito ao voto e à elegibilidade; da vocação agrícola ou industrial do país até o caráter unívoco ou macunaimicamente multifacetado da nação...

Com o movimento de 1930 (entre o caráter revolucionário e o golpístico os debates ainda são abertos), os esforços se concentraram especialmente na industrialização e modernização do país. Num amálgama de forças políticas em tensão, democráticas, positivistas e sobretudo autoritárias, o projeto modernizador desdobrava-se no esforço de formação de um mercado produtor e consumidor interno; na crescente centralização do

---

<sup>2</sup> Para uma análise minuciosa de mudanças conceituais e do papel da literatura e da historiografia após a independência do Brasil, com base principalmente em José Bonifácio, Gonçalves de Magalhães e o IHGB, em perspectiva diversa da Teoria Crítica, ver o livro de Valdeci Araújo, *A Experiência do tempo: conceitos e narrativas na Formação Nacional Brasileira (1813-1845)*, no qual se lê: “[...] Se a nação, para os homens da geração de Bonifácio, era uma realidade objetiva e simples – de modo geral, o conjunto de cidadãos organizados em um sistema político –, para a geração que se forma ao longo do processo de Independência e assume a liderança intelectual a partir da década 1830, a nação reveste-se de uma espessura histórico-cultural.//Nenhum outro conceito melhor exemplifica essa transformações do que o de civilização. [...] Nesse horizonte de problemas [a questão da miscigenação real, em Bonifácio, e da miscigenação simbólica em Magalhães], a literatura assumia uma função pedagógico-civilizacional muito específica [...] tratava-se de civilizar não apenas, ou principalmente, o selvagem, mas o próprio habitante do Brasil. O literato, que de algum modo pertence, por seus conhecimentos, também ao tempo europeu, era o ator privilegiado dessa atualização pedagógica [...] O literato adquiria a sua via singular de fazer política. Como educador, sua missão era qualificar o brasileiro, que entregue aos seus próprios instintos, não poderia ser o cidadão de um país civilizado.” [Araújo, 2008, p.104 e 132-133].

Estado e da administração pública; na decorrente valorização do trabalhador nacional mestiço e nas leis trabalhistas, para (algumas) cidades mas não para o campo, como contraponto da exploração da força de trabalho; na construção de uma ideia e uma rede de educação e saúde públicas; na “atualização” das artes e da cultura nacional pari-passu com o racismo estrutural, o patriarcado e as demandas do mundo dito civilizado, para além (ou aquém) das ruínas da “era das catástrofes” [Hobsbawm, 1998], incluindo as Grandes Guerras<sup>3</sup> e os fascismos e genocídios nelas implicados. A ditadura do “Estado Novo” (1937-1945) se auto justificava como necessária para o controle do coronelismo, do voto de cabresto, das forças descentralizadoras e oligárquicas que dominaram o quadro político e econômico da “República Velha”, e que se opunham à modernização, à centralização, ao trabalhismo, à “democracia racial”, à valorização da cultura nacional... Junto com isso, instalavam-se normas e tribunais de exceção<sup>4</sup> e reprimia-se qualquer radicalismo político, principalmente de esquerda, como se via em sindicatos anarcossocialistas (sim, estranha combinação à la brasileira), no Partido Comunista Brasileiro fundado em 1922 (PCB), em intelectuais politicamente engajados ou empenhados.

No período democrático subsequente (1955-1964), o forte investimento na modernização do país, conjugando o tripé do capital privado nacional, capital internacional e capital público/Estado, permite falar em “nacional-desenvolvimentismo”<sup>5</sup>, conduzido por governos populistas, trabalhistas e/ou de forte marca varguista (debates também em aberto na historiografia), quando chamava a atenção no Brasil a crescente participação política popular e a disseminação do ideal nacionalista, tensionando o conceito e a prática da democracia, bem como do autoritarismo. O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe/ONU (CEPAL), o Cinema Novo, o teatro político, os debates culturais sobre as novas vanguardas modernistas, os suplementos literários nos jornais, o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE), o movimento estudantil, os embates e frentes partidárias, o movimento sindical e as greves de trabalhadores, as lutas por Reformas de

---

<sup>3</sup> Enzo Traverso defende que se tratou de uma Guerra Civil europeia em *Fire and Blood* [2016].

<sup>4</sup> Em 1936 foi decretado estado de sítio, para controlar os embates polarizados no ano anterior entre os adeptos da Ação Integralista Brasileira (AIB) de cunho fascista e da Ação Nacional Libertadora (ANL) que reunia o centro democratizante e as esquerdas. Em 1935 também houve os dois levantes comunistas com participação da baixa patente militar, nos estados do RN e RJ.

<sup>5</sup> Para o professor Cesar Guimarães, do antigo IUPERJ, herdeiro do ISEB, hoje IESP/UERJ, não se trata de uma nomenclatura adequada, pois considera que o desenvolvimentismo é ligado aos projetos das elites nacionais, ao passo que o nacionalismo é mais amplo e difuso, podendo ser encontrado entre as classes populares e com viés de esquerda política. [Cf. Guimarães, 2001, p.155-173].

Base estruturais... colocavam em pauta ideias, e correlatas demandas por políticas públicas, sobre identidade e desenvolvimento nacional, garantindo grande efervescência política, social, cultural. O conceito e a concretude histórica da experiência de formação nacional, assim, receberam uma nova volta do parafuso, adquirindo maior densidade.

Uma reviravolta ocorrerá no período da ditadura militar (1964-1985), instalada por um golpe de Estado que cortou brutalmente a efervescência mencionada, perseguindo de imediato lideranças políticas e sindicais, e atingindo, a partir do Ato Institucional N.5 de dezembro de 1968, também a universidade, os setores progressistas das igrejas cristãs e os movimentos estudantis e culturais em geral. Reformas conservadoras foram impostas no ensino básico e universitário, somando-se à censura e à Lei de Segurança Nacional. Tratava-se de implantar um projeto autoritário e excludente de modernização – sempre conservadora, conforme as reformas pelo alto, a via prussiana, ou desigual e combinada, segundo diferentes autores – que a despeito de sua fama de “milagre econômico”, se este de fato existiu, durou pouco e beneficiou parcelas reduzidas de classe média, conduzindo às subsequentes crises finisseculares, carregando em si dinâmicas de oligopolização da economia, de imenso êxodo rural e de dessolidarização social, inicialmente invisível [Mendonça, 1986; Schwarz, 1999]. Sob a aparência de legalidade, dada pelo permitido bipartidarismo e por tribunais e institutos político-jurídicos que facultavam práticas de “exceção”<sup>6</sup>, a tortura e o desaparecimento de opositores políticos, praticados como política estatal ainda que negados oficialmente, permitem falar em terrorismo de Estado, que não prescindiu aqui, como em outros países da América Latina, de grupos paramilitares, Comandos de Caça aos Comunistas, esquadrões da morte, polícias políticas e centros secretos de “investigação” ligados às Forças Armadas, assassinatos em massa de populações indígenas e camponesas, além dos militantes de esquerda. Neste quadro, a afirmação de um nacionalismo de teor acrítico e ufanista e a busca de uma identidade nacional de caráter unívoco tornam-se ideológicas no pior sentido do termo, manipulando corações, mentes e o próprio pensamento social brasileiro. A presença de literatos como Gilberto Freyre, Josué Montello, Guimarães Rosa, entre outros, na primeira fase do Conselho Federal de Cultura certamente ajudou para que se reprimisse o movimento negro em nome da “democracia racial”, para que se retirasse o teor crítico da noção de

---

<sup>6</sup> Para uma crítica do “estado de exceção” no Brasil – onde e a exceção sempre foi a regra – em diálogo também com o conceito de Giorgio Agamben, ver a entrevista de Paulo Arantes “Tempos de Exceção”, no livro *O novo tempo do mundo* [2014].

“homem cordial” de Sergio Buarque de Holanda, e para que um general sanguinário como Ernesto Garrastazu Médici discursasse sobre “humanismo”. Às guerrilhas rurais e urbanas somavam-se as palavras e ideias. Gerava-se confusão e buscava-se desconfundir, para o que a CEPAL e o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) vieram a contribuir, trazendo novas leituras críticas sobre o país, assim como a imprensa alternativa e as movimentações culturais que se mantiveram na resistência política e driblé à censura. Nas palavras de Paulo Emílio Sales Gomes, no editorial de abertura da *Revista Argumento*, n.1, em 1973<sup>7</sup>, cabia ao intelectual brasileiro de oposição, naquele momento, manter-se lúcido e resistir à perplexidade, e ao festival de besteiras<sup>8</sup>, que se abatera sobre o Brasil.

O fim da ditadura e seus restos até hoje – resta tudo, menos a ditadura, disse Tales Ab’Saber [2010] –, as marcas deixadas na sociedade e na cultura brasileira, a interpretação da Lei de Anistia de 1979 que aponta para uma “reconciliação extorquida” [Gagnebin, 2010], o papel dos militares e dos movimentos sociais no processo de redemocratização, a criação do Partido dos Trabalhadores e do Movimento Sem-Terra, como os maiores movimentos de massa da América Latina, o entusiasmo com a Constituição de 1988, as lutas por implantação de uma justiça de transição no país, com uma Comissão Nacional da Verdade, Comissões Estaduais, políticas públicas de memória e direitos humanos, os planos governamentais e projetos econômicos de recuperação e desenvolvimento que seriam (i)nadequados ao contexto pós-ditatorial, foram nos anos 1980-1990, e ainda são, objetos de estudos e debates<sup>9</sup>.

Igualmente o são os desdobramentos de tudo isto junto com a inserção do Brasil no momento da mundialização do capitalismo; os governos neoliberais; as reestruturação produtiva do capital e do mundo do trabalho com a terceira e quartas revoluções industriais; o desemprego estrutural, a precarização do trabalho e o fim de sua centralidade como organização da vida socioeconômica; as dinâmicas do assim chamado

---

<sup>7</sup> Devo a Paulo Arantes a indicação de autoria do Editorial não assinado.

<sup>8</sup> Entre 1966 e 1968, foram publicados com grande sucesso de público os 3 volumes do *FEBEAPA – Festival de Besteira que Assola o País*, de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Paulo Porto, com desenhos do cartunista Jaguar. Sobre a epígrafe cabe acrescentar que, segundo Paulo, sua inspiração para o *Diccionario de bolso* teria sido o *FEBEAPA*, além do Flaubert, a partir de uma dica do humorista “Macaco Simão”.

<sup>9</sup> Para esta brevíssima contextualização histórica, que apenas desenha algumas linhas importantes para a compreensão da teoria crítica brasileira e do conceito de formação, estou utilizando uma vasta bibliografia consolidada pela historiografia brasileira, não sendo possível citar todos os autores. Como sói acontecer, quanto mais próximos da história do tempo presente ou história imediata, mais inconclusos são os quadros, embora os argumentos sejam consistentes e gerem conhecimento válido. Escusado dizer que não dialogo com historiadores negacionistas e reacionários.

“lulopetismo” mobilizando políticas públicas de “gestão da barbárie” [Menegat, 2020] e ações de tradicional conciliação política; o arrefecimento e fragmentação dos movimentos sociais; o crescimento das periferias, nacionais e internacionais, acompanhado da criminalização dos movimentos sociais, do encarceramento em massa, da crescente violência policial, patriarcal, racista, preconceituosa; a rearticulação das direitas e extrema-direita buscando reorganizar e militarizar a sociedade em bases conservadoras e reler reacionariamente a história do Brasil... Do novo golpe de estado em 2016 ao advento do bolsonarismo hoje no poder, passando pelos interesses do *lawfare* vinculados às disputas selvagens por novas rodadas de acumulação de capital fictício mas real, são tantas e tão violentas as mediações, as ingerências, os acontecimentos, as destruições de patrimônio e instituições públicas, que se torna impossível aqui elencar<sup>10</sup>. Tudo somado à negociata bolsonarista nua e crua e sem culpa, a mais completa desfaçatez e maucarismo substituindo qualquer fio de bom-senso nas relações sociais e na condução governamental, explica o clima geral de perplexidade (ainda mais agravado pela pandemia de coronavírus decretada pela OMS em 2020) que se revela, entre outros aspectos, na quantidade desenfreada de debates, “lives”, seminários e congressos, reflexões produzidas e trocadas nas assim chamadas redes sociais virtuais.

Diante disto – do “novo tempo do mundo”, conforme o título de Paulo Arantes, quando “pensar e dar forma a uma experiência regressiva vivida desde a periferia de um sistema-mundo em desmonte obriga a fazer exercícios heterodoxos e atentos de experimentos intelectuais”, sobretudo porque “as antigas disciplinas do conhecimento, fundadas a partir das exigências da vida intelectual dos países centrais há muito perderam o fio de realidade que ainda retinham em seus conceitos” [Menegat, 2014, p.10] – como ficam as (auto)imagens do brasileiro, a construção da(s) identidade(s) e o conceito de formação nacional? Se não houver respostas definitivas, vale o pensar.

## **II. FORMAÇÃO, MÁ-FORMAÇÃO, FORMA DIFÍCIL, TRANSFORMAÇÃO, DEFORMAÇÃO...**

Datam dos anos 1930-1950 os trabalhos clássicos do pensamento social brasileiro, mais especificamente os incontornáveis ensaios de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de

---

<sup>10</sup> Remeto novamente aos debates ao vivo de Paulo Arantes, entre outros, sobre a “era de emergências em que vivemos”, os “escombros do presente”, “a fratura brasileira do mundo”, “o colapso da civilização”.

Holanda e Caio Prado Jr., em busca de compreender e delinear a formação do país e o então denominado caráter nacional. Chamam a atenção nas obras desses autores a interdisciplinaridade e a necessidade de tratar do período colonial e escravista para explicar o Brasil, os nexos e falta de nexos nas relações sociais, a formação das classes e dos des-classificados, a acumulação primitiva de capital, o legado da escravidão, a linguagem indígena, o comportamento das “raças”, das elites e classes médias, a cultura política autoritária e clientelista, o papel do favor, a (des)organização política e as dificuldades para uma constituição democrática, as (im)possibilidades e direções de um processo revolucionário. Mantidas as devidas diferenças – *Casa Grande e Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, são claramente diferentes entre si, por exemplo –, todos contribuíram para a formação intelectual de uma geração, conforme assinala Antonio Candido na apresentação que escreveu para *Raízes do Brasil*, e em todos a superposição temporal mostra o quanto o passado colonial era/é presente no país, não sendo possível tentar lê-lo sem esta aguda, muitas vezes dolorosa, mistura de tempos.

Na verdade, tal busca é anterior, podendo-se encontrar desde o período da 1ª República obras com o termo “formação” em seus títulos, tal como *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* de Oliveira Lima, publicado em francês em 1911, ou cuja temática central versava sobre a constituição histórica da nação, o sentido da nacionalidade, do “ser brasileiro”. Coletâneas atuais [Mota, 2000; Botelho e Schwarcz, 2009; Reis, 2007] que procuram reunir autores passíveis de serem considerados “intérpretes”, historiadores ou leitores/tradutores deste país que não é para iniciantes compilam os mais diversos nomes dos mais diversos espectros políticos, de conservadores a progressistas ou catastrofistas, desde Francisco Adolfo de Varnhagen e Euclides da Cunha até Darcy Ribeiro e Roberto Schwarz, passando por Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Nina Rodrigues, Silvio Romero, Lima Barreto, Manuel Bomfim, Oliveira Vianna, José Veríssimo, Pedro Calmon, Afonso Arinos de Mello Franco, Paulo Prado, Mário de Andrade, Luis da Câmara Cascudo, Alberto Torres, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes, Nelson Werneck Sodré, Raymundo Faoro, Fernando Henrique Cardoso, Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido, entre outros (alguns, claramente, incluídos como pensadores também dos anos 1960 em diante). Os livros *Minha Formação*, *Formação do Brasil Contemporâneo*, *Formação Política do Brasil*,

*Formação Econômica do Brasil, Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro, Formação da Literatura Brasileira*, seguidos do vasto uso da categoria “formação social” em obras sociológicas sobre o Brasil, junto à apontada preocupação geral, permitem que Otília e Paulo Arantes, inspirados por Roberto Schwarz, falem em uma “verdadeira obsessão nacional”:

Salvo em casos flagrantes de autoengano deliberado, *todo intelectual brasileiro minimamente atento às singularidades de um quadro social que lhe rouba o fôlego especulativo sabe o quanto pesa a ausência de linhas evolutivas mais ou menos contínuas a que se costuma dar o nome de formação*. Que se trata de verdadeira obsessão nacional dá testemunho a insistente recorrência do termo nos principais títulos da ensaística de explicação do caso brasileiro [...] Tamanha proliferação de expressões, títulos e subtítulos aparentados não se pode deixar de encarar como a cifra de uma experiência intelectual básica, em linhas gerais mais ou menos a seguinte: na forma de grandes esquemas interpretativos em que se registram tendências reais na sociedade, tendências às voltas, não obstante, com uma espécie de atrofia congênita que teima em abortá-las, apanhava-se naquele corpus de ensaios sobretudo o propósito coletivo de dotar o meio gelatinoso de uma ossatura moderna que lhe sustentasse a evolução. *Noção a um tempo descritiva e normativa*, compreende-se além do mais que *o horizonte descortinado pela ideia de formação corresse na direção do ideal europeu de civilização relativamente integrada – ponto de fuga de todo espírito brasileiro bem formado*. [Arantes, O. e Arantes, P. 2021, p.11-12. Grifos meus]<sup>11</sup>.

A ideia de uma ossatura moderna a sustentar um meio sociocultural gelatinoso inspirava-se na famosa frase de Torquato Neto nos anos 1970 (“Na geleia geral brasileira alguém tem que exercer a função de medula e osso”) e as dificuldades do intelectual brasileiro que se sente “desterrado em terra natal” encontram-se com todas as letras na primeira

---

<sup>11</sup> Vale destacar o belo esforço realizado por Rafael Marino, sob orientação de Bernardo Ricupero, em sua dissertação de mestrado intitulada *As figuras da formação no pensamento brasileiro* [2018], com foco na teoria crítica brasileira.

página de *Raízes do Brasil*. No entanto, as reclamações sobre a falta de condições concretas no Brasil para uma civilização digna do nome, o bem-viver coletivo e o desenvolvimento do mundo cultural e intelectual lato senso, ao invés da pobreza, da doença e do analfabetismo, remontam ao século XIX, como se vê em Capistrano de Abreu, Tobias Barreto, José Veríssimo, Silvio Romero, entre tantos. Daí que a associação à primeira vista simples entre formação e o conceito alemão de *Bildung* se torne um trago amargo: pautados na *paideia* grega e no humanismo, românticos e iluministas consideravam possível a formação integral e multidisciplinar dos indivíduos, vinculando pela educação as dimensões do cultivo de si, arte, ética/política e cultura, em direção à autodeterminação e à universalidade, de modo que a realização individual plena vem a coincidir com o desenvolvimento também integral da sociedade e da humanidade, completando-se em um patamar espiritual superior<sup>12</sup>. Cai por terra a *Bildung* brasileira diante da consciência da “má-formação” ou da “consciência catastrófica do atraso”, segundo dirá posteriormente Antonio Candido em “Literatura e Subdesenvolvimento”. Ou, na visão de Paulo Arantes em *Ressentimento da dialética* [1996], cai à medida que *Bildung* não se realiza sem trabalho social, logo sem a universalização da cultura mediante a expansão da consciência de classe que supere a alienação, ao invés do fetiche da forma-mercadoria pela indústria cultural, o que torna a formação brasileira numa abstração e deriva na prática numa semiformação ou formação social extemporânea [Cf. Maar, 1995]<sup>13</sup>. Contudo, os românticos brasileiros se inspiravam, sim, na ideia de *Bildung*

---

<sup>12</sup> “A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, ‘cultura’ e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de ‘formação’ de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como *processo*. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se (*sich bilden*).” [Berman, Antoine. *Bildung et Bildungsroman*. Apud Suarez, 2005, p. 191-198, cit. p.193].

<sup>13</sup> Nas palavras informais de Paulo Arantes: “Até onde minha vista alcança, Formação pouco ou nada tem a ver com a *Bildung* em sua acepção original, versão Goethe ou Hegel, de resto afins, é um lugar comum considerar a Fenomenologia também um romance de formação, uma consciência se educando, inclusive à maneira de Rousseau. Com certeza Joaquim Nabuco, que aliás se tinha em altíssima conta, teve ter considerado seu livro uma variante nacional do gênero europeu romance de formação, americanos do norte incluídos, um deles autobiografia de um futuro Presidente. Antonio Candido, por sua vez, começou a ruminar seu livro notando como os grandes explicadores do Brasil invariavelmente buscavam decifrar o presente em função do passado. Daí o passo narrativo do seu próprio livro, uma história do desejo dos brasileiros de ter uma Literatura. Petite histoire elucidativa: comprei o livro de AC assim que saiu, por recomendação da minha avó, tia de sua mulher, prima de minha mãe etc, tinha 17 anos e completei a leitura diária dos dois volumes aos 18 anos, entendendo o pouco que podia mas avançando assim mesmo com a perseverança juvenil de quem sente que está atravessando um limiar, sem falar no cálculo filistino das

e restam, portanto, traços dessa inspiração na *Formação da Literatura Brasileira*, na qual Candido vê o esforço civilizatório da literatura, assim como restam em boa parte do pensamento social brasileiro.

Voltando ao século XIX, adicionavam-se às reclamações as admoestações quanto à falta de originalidade do literato brasileiro, sua desatenção às peculiaridades nacionais, às quais deveria estar aplicado em vez de tudo copiar da Europa. A discussão deu e ainda dá panos para as mangas, e Machado de Assis a respondeu mui especialmente, menos talvez no texto crítico “Instinto de Nacionalidade”<sup>14</sup> do que em sua prática literária exemplar, em que “formas europeias” e “cores locais” se imiscuem com maestria na composição de retratos sociais e análises agudas, quase sempre bem sutis mas não menos incisivas, do Brasil oitocentista. Exponente da chamada geração 1870, em que se mesclavam cientificismo/racialismo, iluminismo e romantismo, o cearense Capistrano considerava com base em obras francesas e alemãs, que estudava como autodidata, que do prisma sociológico não se poderia afirmar haver uma sociedade propriamente no Brasil ao menos até o século XVII, por não haver “solda” social, pois “dominavam forças dissolventes, centrífugas, no organismo social; apenas se percebiam as diferenças, não havia consciência de unidade, mas de multiplicidade” [Abreu, 2001, p.98 e p.124 para o termo solda]. Vem decerto daqui a percepção de Caio Prado Jr. sobre a falta de nexos sociais e morais que marcavam no Brasil colonial as relações entre as classes dos senhores proprietários e dos escravos, responsáveis pelo setor orgânico da economia, mas marcavam também a massa dos homens pobres livres, impedindo-os de se constituírem enquanto classe social; quando isso fosse possível, esse grupo social deixaria de ser o setor inorgânico da economia, formaria o mercado interno e seria potencialmente o formador da nação. Estava certo Joaquim Nabuco ao destacar as heranças nefastas que a escravidão deixaria no país. E o “sentido da colonização”, segundo a expressão cunhada por Prado Jr., residiria na produção para mercado externo, em grandes propriedades de empresas agroexportadoras, escravistas e monocultoras, que alimentavam a acumulação

---

redações que estava me rendendo no colegial: pois então, sem tirar nem pôr foi minha primeira e real "formação", porém no seu devido "tamanho fluminense" (de que falava Augusto Meyer a propósito das intrigas terra a terra de Macedo e do primeiro Alencar), bem longe de qualquer Wilhelm Meister da Baixada Santista. Quanto às patologias decorrentes de sua eventual incompletude ou eclipse, provou-se justamente o contrário, a aberração de um sistema literário plenamente formado sem fazer a menor diferença num país abominável.” [Email de 14 maio 2021, intitulado “apenas um professor que eventualmente escreve livros”].  
<sup>14</sup> Nesse texto Machado mostra como estão inexoravelmente intrincados na cultura brasileira as formas europeias, da métrica à religião e à língua, e a “cor local” desejada pelos românticos, uma vez que não se reverterem os caminhos da história.

primitiva de capital nas metrópoles europeias. Assim sendo, o Brasil já nascia imerso na ordem capitalista em seus primórdios – diferentemente do que dizia Nelson Werneck Sodré, para quem o período colonial teria sido feudal, o que gerou grande debate entre ambos dentro do PCB –; e os interesses econômicos mais crus, que contribuía nos países centrais para a organização social e política do mundo burguês, aqui sobrepujavam brutalmente os aspectos civilizatórios. Nas (ex)colônias, que configuram a periferia do mundo do capital, a exceção sempre foi a regra, dirá benjaminianamente Paulo Arantes mais tarde.

Com perdão da repetição para quem já sabe, tais ideias são fundamentais para a ossatura da vertente em pauta da teoria crítica brasileira e para o papel medular que ela exerce no quadro geral do pensamento nacional, por mais controvérsias que gere, ou justamente *pour cause*. O próprio conceito de “formação” dependerá dessa tessitura multiforme em que se intrincam literatura, sociologia, filosofia, economia, política, história, para tentar definir a nossa “má-formação” e como foi/seria a especificidade da formação brasileira e latino-americana, apesar de tudo, em meio a condições de fome, analfabetismo, miséria, doença, violência, indiferença, entre as quais se desenvolvia uma rica cultura popular oral, e das quais a estruturação do pequeno universo literário destoava ou parecia destoar. Mas não se engane o caro leitor, não se trata absolutamente de uma simples dicotomia, os esforços dialéticos de Antonio Candido e Roberto Schwarz que o digam. Esses dois pensadores do Brasil dão a bússola para o “sentido da formação” que é central na obra de Paulo Arantes, como se vê ao menos em *Sentimento da Dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz* [1992], *O Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa* [1997, juntamente com Otilia Arantes], e o recém relançado *Formação e Desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa* [2021a].

Pegar na unha o sentido da formação, estabelecendo e fazendo significar “uma situação nacional periférica, deslocada e, por isso mesmo, diferente”, definida como “a diferença brasileira”<sup>15</sup>: eis a questão, que não se resolve no *to be or not to be*, nem mesmo na paródia

---

<sup>15</sup>Conforme a sinopse do livro no site dedicado a Otilia e Paulo Arantes: <https://sentimentodadialectica.org/dialectica>. Vale mencionar os termos de divulgação do livro, em todas as editoras e livrarias: “Este livro analisa o processo de formação da cultura nacional baseando-se no desejo dos brasileiros em ter sua própria literatura, pintura e arquitetura. Aqui a perspectiva ensaística marxista dos autores permite a apreensão das consequências trazidas à experiência intelectual e cultural brasileira pelo desenvolvimento desigual e combinado que o capitalismo impõe

*tupi or not tupi* oswaldiana, ainda que o apreço e a prática da ironia sejam cruciais em Paulo Arantes. Os esforços presentes nos trabalhos de Candido são rearrumados e ampliados em *Sentido da Formação*, no qual se realiza a investigação do “desejo dos brasileiros em ter sua própria literatura, pintura e arquitetura”, numa dialética sem síntese iluminista, mostrando o quanto foi difícil ao longo dos séculos XIX e XX achar a “forma” literária, pictórica, arquitetônica adequada ao tempo-espaço nacional, ou seja, a figuração estética coadunada à experiência histórica específica do Brasil<sup>16</sup>, como se vê por exemplo dos poetas árcades a Machado de Assis, da pintura de Almeida Jr. a Tarsila do Amaral, dos anônimos mestres-de-obra coloniais a Lucio Costa e Oscar Niemeyer. No capítulo de *Sentido da formação* dedicado a Antonio Candido é longamente discutida a trajetória que conduz e constitui *Formação da Literatura Brasileira*, “Literatura de Dois Gumes”, “Dialética da Malandragem”, “O Cortiço” (poderíamos também acrescentar “Para Ir do Dois ao Três”, “Perversão da *Aufklärung*” e outros tantos textos de crítica ou intervenção, cuja enumeração é aqui inviável). Além do parentesco, Antonio Candido marcou fortemente a própria formação intelectual de Paulo, que o leu já na adolescência e desde então foi instigado pelo vasto problema da formação nacional. Seus estudos de filosofia, Hegel, Marx e marxismos, Sartre, pensamento e literatura francesa (a verve irônica de Paulo aproxima-se belamente à de Gustave Flaubert), teoria crítica frankfurtiana, filosofia brasileira e crítica do valor... muitas vezes deságuam nesse mar da formação/deformação. Ou, ao invés e de revés, este problema e seus estudos filosóficos e literários se retroalimentam dialeticamente. Seja como for, a percepção de Candido sobre o modo de formação do sistema literário brasileiro e de Machado como representante do processo bem acabado é modelo para a análise do modernismo como momento formativo da pintura e da arquitetura.

Mas em busca de uma conceituação mais precisa nos deparamos, não sem espanto para alguns leitores, com toda uma argumentação sobre o fim da formação, ou a formação interrompida no país que nunca chegou a sê-lo de fato (a questão será retomada adiante).

---

aos países periféricos. Ou seja, o sentido da formação procura apreender, articulando pontos de vista localistas e cosmopolitas, a maneira com que tal experiência histórico-econômica, ao mesmo tempo brasileira e mundial, tomou corpo no campo da estética.”

<sup>16</sup> Vale notar o propósito de Paulo Arantes ao transpor a ideia de Antonio Candido para a cultura filosófica uspiana, também uma história do desejo de se construir um Departamento que se pudesse chamar “de filosofia” [Cf. *Um departamento francês de ultramar: Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana* (uma experiência dos anos 1960) [1994]. O trabalho de Rodrigo Naves, *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira* [2011], insere-se nessa linha de raciocínio e traz no título um dos “x” da questão. Para Marino [op.cit.] trata-se de um dos capítulos fundamentais da explicação da formação brasileira.

Em meados dos anos 1990, no ensaio “Sete Fôlegos de um Livro”, Roberto Schwarz, introduzia a questão, ao analisar os passos realizados por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, a magnitude de seu raciocínio ao compreender que o sistema literário estava formado antes que o país o estivesse, deixando a janela aberta para se pensar a impossibilidade da formação desde a má-formação em círculos mais amplos, que iam da literatura a toda a cultura brasileira:

Digamos que os autores progressistas que historiavam a nossa formação econômica e social mostravam um movimento represado, que não se completara, e que transformaria o país se viesse a se completar. Ao passo que o livro [de Antonio Candido] que soube perceber o percurso efetivo da literatura nacional constatava um movimento que se completou e nem por isso transformou o Brasil. O sistema literário integrado funcionaria como uma antecipação de integrações futuras? (...) [Schwarz, 1999, p.56].<sup>17</sup>

O problema é desenvolvido em *Sentimento da Dialética*, dedicado a mostrar e contestar a tendência dos intelectuais brasileiros (e estrangeiros) em ler o mundo dualmente (quando não se reduzem à mera abstração, o que não é raro) e em construir conceitos bipolares, que parecem muito bem se aplicar ao Brasil, o país dos antagonismos e contradições, a ponto de se falar frequentemente em os “dois Brasis”. De modo diverso e melhor, Antonio Candido e Roberto Schwarz empenham-se no árduo trabalho de ver o mundo, e nele o Brasil, de modo mais complexo, construindo categorias e conceitos dialéticos por exigência da realidade que é seu objeto de estudo. Paulo Arantes destacará em Candido e Schwarz uma percepção refinada da realidade e da literatura brasileira, que os levará necessariamente à superação do dualismo e à construção dialética.

Em *Sentido da Formação*, um certo delineamento conceitual pode ser extraído do mencionado capítulo de Paulo sobre Antonio Candido, cuja exposição é passível de ser organizada em quatro grandes partes em que se unem a análise de impossibilidades concretas e projetos de transformações possíveis: a) a formação de um sistema literário

---

<sup>17</sup> Segundo Paulo, coube a Schwarz “situar o tema do debate naquele momento, segunda metade dos anos 90, o que fazer com a Formação depois que ela se foi, sem ser passadista.” [Email de 7 fevereiro 2022]. A polémica que se armou pode ser encontrada na Revista *Piáu*, com artigos de Marcos Nobre, entre outros.

nacional por acúmulo de obras que consolidem uma causalidade interna, configurando uma “maioridade” que supera dependência; b) a formação da crítica e teoria literária em moldes semelhantes; c) a formação de uma “rotina”, compreendida como organicidade da cultura mediante a consolidação de hábitos mentais, tradição, ideal civilizatório, que possibilitem embasar uma mediania de caráter coletivo, através da socialização do gosto e de equipamentos culturais afins, apesar da desigualdade social que tende à espoliação cultural; d) a necessidade de planejamento de políticas públicas culturais que ampliem para a maioria da população as possibilidades de produção e fruição cultural, apesar da tendência à expropriação cultural dos mais pobres.

**Pequeno Excerto** – Podemos resumir em dois grandes eixos, se me permitem a suma sumaríssima, os alicerces da argumentação sobre a formação:

a) A compreensão de que a realidade social e histórica de algum modo estará dentro da literatura/cultura, em qualquer dos aspectos do sistema literário/cultural, quais sejam, a produção, a circulação e a recepção de obras. Quando este tripé está consolidado numa sociedade, sua literatura/cultura está “formada” enquanto um aspecto civilizatório. Este modo de a realidade estar dentro da obra literária/artística pode ser chamado de estrutural, não no sentido do estruturalismo<sup>18</sup>, mas pela constatação de que dinâmicas fundamentais (estruturais) que compõem uma sociedade – logo, determinações espaciais, temporais, econômicas, políticas, culturais – estarão presentes na composição de uma obra artística.

Trata-se de uma espécie de “realismo”, não como “estilo de época”, mas como um procedimento de mimese mobilizado na criação, ainda que esta mimese não seja cópia da realidade, e sim uma *transfiguração*. É importante sublinhar esse ponto, visto que os intelectuais questionadores ou adversários da sociologia da literatura ou da história literária costumam acusá-las de “espelhamento”, ou seja, uma concepção empobrecida da relação entre literatura/cultura e sociedade, em que a mimese se reduziria à cópia dos acontecimentos do mundo social-histórico, sem preocupação com a criatividade da composição artística, os aspectos formais, as figuras de linguagem etc. Trata-se, contudo, justamente do contrário; a compreensão de mimese trabalhada pela teoria crítica brasileira resgata os esforços realizados por Eric Auerbach, Walter Benjamin, Theodor Adorno, György Lukacs, entre outros, para entender aquilo que no século XIX se chamava relação entre consciência e sociedade, isto é, como aspectos da realidade no momento da

---

<sup>18</sup> Antonio Candido frisa isto no Prefácio de *Literatura e Sociedade* [2006, p. 9-10].

produção de uma obra – em todos esses autores trata-se da realidade do mundo do capital na era dos extremos, conforme Hobsbawm [1998] nomeou o século XX – vão parar dentro dela, obra, através de muitas mediações, de onde a compreensão de mimese como transfiguração<sup>19</sup>. Nem mesmo na historiografia sustenta-se a ideia de que a narrativa ou análise histórica sejam um espelho da realidade; seriam antes uma refração, para mantermos a metáfora ótica, ou um modelo à maneira dos modelos astronômicos, o que não impede a construção de conhecimento histórico (e astronômico) válido [Ginzburg, 2007; Braudel, 1986].

Trocando em miúdos, nenhum autor é capaz de criar a partir do nada, por mais vanguardista que seja sua criação, necessariamente estarão presentes em sua obra alguns elementos de sua experiência de mundo, e esta é localizada e embebida no espaço-tempo-relações sociais, ou em outras palavras, na experiência histórica. É plausível, talvez, dizer que está em jogo aqui o aroma das delicadas semelhanças ou correspondências<sup>20</sup> entre a realidade do mundo e as palavras que a nomeiam e explicam, uma vez que a referencialidade é fator fundamental na construção de conhecimento de teor materialista, ou os conceitos tornar-se-ão construções abstratas, metafísicas, sem substrato social. Tal crítica já se encontrava, por exemplo, na *Ideologia Alemã* de Marx [2006], e a ideia de ideologia aqui justamente vem a criticar essas abstrações que acabam por servir aos interesse dominantes. Encontra-se também na *Dialética Negativa* [2009], em que Adorno insiste na construção de conceitos alicerçados na experiência histórica concreta (lembrando que toda experiência é histórica, mesmo que trate do presente), e não o inverso, sendo por isso necessário trabalhar com um “não-conceito” que supere a tendência filosófica à abstração. A mesma base crítica estará em *Formação e Desconstrução*, em que Paulo Arantes demonstra o funcionamento ideológico das teorias francesas ditas pós-estruturalistas, vulgarmente conhecidas como pós-modernas, para

---

<sup>19</sup> Vale destacar os trabalhos de Leopoldo Waizbort [2007] sobre a relação entre Antonio Candido e Eric Auerbach, e de Jeanne-Marie Gagnebin sobre o conceito de mimese em Adorno e Benjamin, em *Sete aulas sobre história, memória e linguagem* [1997].

<sup>20</sup> Remeto a uma intuição de Benjamin sobre a linguagem como “um médium em que as faculdades primitivas de percepção do semelhante penetraram tão completamente, que ela se converteu no médium em que as coisas se encontram e se relacionam, não diretamente, como antes, no espírito do vidente ou do sacerdote, mas em suas essências, nas substâncias mais fugazes e delicadas, nos próprios aromas” [Benjamin, 1994, p.112].

desconstruir no velho sentido do termo<sup>21</sup> o *deconstructive turn*, incluindo certo Foucault, Barthes, Deleuze, Derrida, a teoria da ação comunicativa alemã (Habermas).

b) Como decorrência do *modus operandi* dialético, entrelaçam-se complexamente determinação e imaginação criativa, objetividade e subjetividade, elementos extra e intra literários, forma e conteúdo, tradições e renovações. No caso dos literatos de um país que foi colônia, como o Brasil, a combinação dialética vai incluir um outro fator muito importante de sua cultura: a busca de manifestar características particulares, típicas, locais, nacionais (nos casos exagerados tendendo ao estereótipo e ao exotismo, que além do mais é bem vendável) e simultaneamente a necessidade de lidar com características herdadas do colonizador, estrangeiras ou universais<sup>22</sup>.

No Brasil, a colonização deixou marcas ibéricas, de onde os louvores a Portugal em um Gilberto Freyre ou os “iberismos” estudados por Sergio Buarque de Holanda, mas também deixou a forte relação com a França, sendo Paris a “capital cultural do século XIX”, como disse Walter Benjamin. Se, como mencionado, os românticos brasileiros buscavam a “cor local”, inspirados pelas ideias do Romantismo alemão acerca da *Kultur*, da nação, do folclore, das origens históricas e da *Bildung*, os debates esquentaram na virada dos séculos XIX e XX, quando outros intelectuais apontaram a impossibilidade da identidade ou nacionalidade “pura”, como foi brilhantemente mostrado por Lima Barreto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, por exemplo, ou em *Macunaíma* de Mario de Andrade, ou em Machado de Assis, como apontado. Além disso, se o Brasil já nasceu na dinâmica do capitalismo, como demonstrou Caio Prado Jr., significa que se formou imerso na lógica da mercadoria-dinheiro como equivalente universal, sendo impossível apagar esta marca de qualquer ideia de universalidade que por aqui pudesse grassar. A violência dos quatrocentos anos de tráfico e trabalho de escravizados, e suas consequências duradouras, são prova cabal disso. Em outras palavras, para se compreender a especificidade da formação nacional do Brasil, e dos países latino-americanos, aí incluídas as venturas e desventuras dos processos de modernização, é obrigatório enxergar os “dois gumes” da literatura/cultura (Barbosa, 2020), isto é, a tensão

---

<sup>21</sup> Toda crítica da ideologia, desde sempre, é um ato de desconstrução de um pensamento que gira em falso, seja por má-fé ou por má-concepção, não? A questão será retomada ao final deste texto.

<sup>22</sup> Não cabe aqui o debate muito necessário à historiografia contemporânea – espero que alguém a tenha feito ou venha a fazer – sobre o caráter eurocêntrico ou não do conceito de universalidade, se com outros termos a mesma ideia central existe em outras culturas e tempos ou não, se pode ou não extrapolar o mundo estruturado pela mercadoria e configurado à imagem e semelhança do capital... Cf. uma discussão especificamente filosófica sobre a questão do universal por Paulo Arantes, em *Ressentimento da Dialética*.

entre cosmopolitismo e localismo, na formulação de Antonio Candido, no quadro da qual Roberto Schwarz desenvolverá os temas da modernização e da ditadura, e Paulo focalizará nas formas da dialética.

**Continuando** – *Sentimento da Dialética* é, portanto, dedicado a isso: compreender e tentar definir “alguma coisa que se poderia denominar genericamente de experiência brasileira – e se pensarmos no filtro cultural (do ensaio ao poema), algo como uma experiência intelectual do país” [Arantes, 1992, p.14]. Como num país de má-formação surge um sistema literário bem formado, tendo como seu expoente um escritor de tão alto nível como Machado de Assis, ao mesmo tempo nacional e universal? Como se chega dos “dualismos por todos os lados” à dialética? Como definir formação nesse quadro? Qual o papel da ditadura militar no que se refere à formação/deformação nacional? Tais perguntas que pulsam implicitamente nas páginas do livro vão sendo respondidas em movimentos espiralados.

A acomodação desconforme de antigo e moderno que a crise [da modernização no período populista, dado o golpe de 1964] precipitara e monumentalizara era de fato uma constante de nossa formação, como atestava, revista num relance decisivo, o conjunto de nossa história literária. Por outro lado, o novo surto de modernização conservadora ao mesmo tempo em que inscrevia o atraso do país na atualidade internacional, exibia um vínculo inédito entre dualidade e dependência, entendida esta última como o desenvolvimento do descompasso estrutural expresso pela primeira. [ibidem, p.58. Na edição eletrônica, p.71]

Assim, a reflexão sobre a ditadura permitia a Schwarz dar um passo adiante “na pista de nossa incongruência central” e reconhecer as fraturas de nosso mundo literário, considerando

as marcas literárias muito frouxas de nossa dúplici fidelidade aos padrões europeus de comportamento (exigidos pela civilização do capital, a que nunca deixamos de pertencer) e ao seu complemento local, o dia-a-dia abafado do

patriarcalismo (regulado pela presença do trabalho escravo). [ibidem., p.75. Na edição eletrônica, p.90].

Deste modo, as tipologias dualistas, antigas ou modernas, consistiam numa mera aparência que se resolvia,

*na articulação contraditória de escravidão e capitalismo, à qual devemos nossa formação nacional. Não uma dissonância lógica enquadrada pela teoria do valor-trabalho, mas um resultado histórico. Essa a matriz prática da dialética, essa a origem do sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira.* [ibidem, p.79. Na edição eletrônica, p.95. Grifo meu].

A “experiência intelectual da ambivalente dualidade brasileira” [ibidem, p.53] resolve-se com a ajuda de uma concepção trotskista acerca do processo modernizador “desigual e combinado”, em que as partes atrasadas e modernas não se opõem, mas antes complementam, pois o setor socioeconômico atrasado é necessário para sustentar o moderno. As ingerências da modernização começam no século XIX, dão uma guinada promissora no período nacional-desenvolvimentista (na falta de melhor nome) entre 1955 e 1964, e aprofundam-se com a ditadura militar. Os artigos “Nacional por subtração” e “Ideias fora do lugar”, este último de larga fortuna polêmica, respondidas pelo autor em “Porque ideias fora do lugar”<sup>23</sup>, retomam a tensão entre localismo e cosmopolitismo na chave da dialética entre liberalismo e escravidão, o que gerou no país a dinâmica perversa da cultura do favor para os pobres livres, uma vez que a relação produtiva de base era mantida pela força. De fato, não se superava a dominação, que era/é até hoje sustentada

---

<sup>23</sup> “Ora, é claro que nunca me ocorreu que as ideias no Brasil estivessem no lugar errado, nem aliás que estivessem no lugar certo, e muito menos que eu pudesse corrigir a sua localização — como o título sugeriu a muitos leitores. Ideias funcionam diferentemente segundo as circunstâncias. Mesmo aquelas que parecem mais deslocadas, não deixam de estar no lugar segundo outro ponto de vista. Digamos então que o título, no caso, pretendeu registrar uma sensação das mais difundidas no país e talvez no continente — a sensação de que nossas ideias, em particular as adiantadas, não correspondem à realidade local —, mas de modo nenhum expressava a opinião do autor. Na realidade, a convicção de que as ideias avançadas da Europa estejam fora do lugar na atrasada sociedade brasileira, à qual não serviriam, não tem nada de nova: ela é um dos pilares do pensamento conservador no Brasil.” [Schwarz, 2012, p.165-166].

pelas “mil formas e nomes” com que o “o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional”, a ponto de se poder afirmar que

[...] o favor é a nossa mediação quase universal – e sendo mais simpático do que o nexos escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção. // O escravismo desmente as ideias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular. [...]

Submetidas [as ideias mais adiantadas do planeta] à influência do lugar, sem perderem as pretensões de origem, gravitavam segundo uma regra nova, cujas graças, desgraças, ambiguidades e ilusões eram também singulares. Conhecer o Brasil era saber destes deslocamentos, vividos e praticados por todos como uma espécie de fatalidade, para os quais, entretanto, não havia nome, pois a utilização imprópria dos nomes era a sua natureza. [Schwarz, 2001, p.64-65 e 75]

Seria desejável dizer que essa situação foi superada nas práticas e representações, na cultura e na experiência intelectual brasileira, mas infelizmente não é possível. Nomear acontecimentos e experiências nacionais, especialmente num país como o Brasil, pode ser difícil e controverso, como atesta o labiríntico caminho da conceituação e da caracterização de nossa “formação”. Forma, ação e transformação estão unidas na palavra, cujo referente é... o que se busca nomear tão arduamente, uma experiência de país singular, tão cheia de contradições, ambiguidades, deslocamentos, volteios, violências, que pode derivar em deformação. Descartada a associação com a *Bildung*, que exigiria tantas rasuras e emendas a ponto de desfazer o próprio conceito, vemos Schwarz tomar uma outra direção e explorar a comparação da lógica intelectual brasileira com países de desenvolvimento capitalista tardio, sobretudo a Rússia:

Também na Rússia a modernização se perdia na imensidão do território e da inércia social, entrava em choque com a instituição servil e com seus restos [...]. Na exacerbação deste confronto, em que o progresso é uma desgraça e o

atraso uma vergonha, está uma das raízes profundas da literatura russa. [...] Em suma, a própria desqualificação do pensamento entre nós, que tão amargamente sentíamos, e que ainda hoje asfixia o estudioso de nosso século XIX, era uma ponta, um ponto nevrálgico por onde passa e se revela a história mundial [e remete a Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas]. [Schwarz, 2001, p.77]

As citações justificam-se por irem apontando para duas ideias centrais em Schwarz e nessa vertente da teoria crítica: primeiro, a compreensão de que a matéria do artista é historicamente formada, pois ao colocar em curso sua operação de sobrepor formas, um escritor registra de algum modo a dinâmica social, numa relação em que “imprevisível dormita a história”, e disso dependem a profundidade, a força e a complexidade dos resultados artísticos [Schwarz, 2001, p.80]. Ademais, se houver, como foi e ainda é característico no Brasil, a descontinuidade da reflexão por desconsideração com o trabalho das gerações nacionais predecessoras, que deveriam ser tomadas “não como peso morto, mas como elemento dinâmico e irresolvido, subjacente às contradições contemporâneas” [ibidem, p.111], ocorre a interrupção do fio de transmissão e acúmulo de conhecimentos que garantem o adensamento cultural. A falta de convicção nas teorias, sempre trocadas pela moda mais atual, agrava-se com falta de conexão entre teoria e movimento social conjunto, o que em última instância significa a dúvida sobre a relevância do próprio trabalho intelectual e dos assuntos estudados. Este, contudo, não se trata de “continuidade pela continuidade, mas da constituição de um campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração histórica próprias, que recolha as forças em presença e solicite o passo adiante.” [ibidem].

O segundo ponto central, porém não menos importante, diz respeito àquilo que Schwarz chamou de “modernização absurda”<sup>24</sup> ao referir-se, em “Fim de Século”, ao processo de desenvolvimento conduzido pela ditadura militar e seus efeitos: “o desenvolvimentismo arrancou populações a seu enquadramento antigo, de certo modo as liberando, para as reenquadrar num processo às vezes titânico de industrialização nacional, ao qual a certa altura, ante as novas condições de concorrência econômica, não pôde dar

---

<sup>24</sup> Em evento realizado pela faculdade de Letras da UFRJ, em 2012, relativo ao lançamento do livro *Martinha versus Lucrecia*.

prosseguimento” [Schwarz, 1999, p.159]. O “esforço nacional de acumulação” realizava-se mediante ações arbitrárias por parte do governo, tais como projetos agroexportadores megalômanos (mais de um país europeu caberia em uma só propriedade, como o Projeto Jari); deslocamento forçado de trabalhadores para a Amazônia em nome de projetos de colonização rapidamente interrompidos (deixando abandonados os mesmos trabalhadores deslocados); construções de estradas gigantescas que acabaram não levando a lugar algum (v. Transamazônica); sacrifício de inúmeros trabalhadores para uma construção civil sem proteção ao trabalho, como no caso da Ponte Rio-Niterói; a militarização da questão agrária [Martins, 1984], etc. Em decorrência, “o que se vê são sacrifícios fantásticos para instalar usinas atômicas que nunca irão funcionar, estradas que não vão a parte alguma, ferrovias imensas entregues à ferrugem, edificações fantasmas que entretanto não se desmancham com as ilusões ou negociatas que as tiraram do nada. Que fazer com elas?” [Schwarz, 1999, p.159-160].

Essa pergunta de ecos leninistas conversa visivelmente com o título *Que horas são?*, escolhido por Roberto Schwarz para seu livro de 1987, no qual se desvela uma plêiade de questões literárias relativas às relações temporais, sociais e políticas colocadas pela experiência brasileira da modernidade (e mundial, desnecessário dizer, já que a teoria crítica compreende o mundo sistemicamente). É interessante frisar que já no “sentido da colonização” de Caio Prado havia considerações sobre a temporalidade especial do Brasil, onde viajar significava também encontrar o passado colonial, configurando uma superposição de tempos fundamental para a compreensão dos problemas do país<sup>25</sup>. Mas a possibilidade da revolução brasileira tornara-se esfacelada, se não inviabilizada, pela contrarrevolução levada a cabo pela ditadura. A percepção do corte profundo então introduzido na vida brasileira é determinante na obra de Schwarz, que, a despeito do entusiasmo generalizado com a assim chamada redemocratização nos anos 1980, aponta a impossibilidade de reatar “o fio da meada” com o promissor período precedente ao golpe de 1964, cuja efervescência ele havia elogiado com a famosa formulação de que a sociedade brasileira estava estranhamente inteligente:)

---

<sup>25</sup> “Quem percorre o Brasil de hoje fica muitas vezes surpreendido com aspectos que se imagina existirem nos nossos dias unicamente em livros de história; e se atentar um pouco para eles, verá que trazem fatos profundos e não são apenas reminiscências anacrônicas. Mas não é somente isto. Coloquemo-nos num terreno prático. Os problemas brasileiros de hoje, os fundamentais, pode-se dizer que já estavam definidos e postos em equação há 150 anos atrás. [...] e foram estas, bem como outras considerações da mesma natureza, que me levaram, para chegar a uma interpretação do Brasil de hoje, que é o que realmente interessa, àquilo que o passado que parece longínquo mas que ainda nos cerca de todos os lados.” [Prado Jr., 1942, p.11-13].

A atenção ao corte e seus efeitos marcará em decorrência as reflexões de Otilia e Paulo Arantes e toda uma linhagem de autores ligados à teoria crítica brasileira que buscam dar sentido ao sentido da formação e da modernidade, seu par inseparável. Que fazer, senão justamente o inverso do *mainstream*, tentar quebrar a lógica perversa, buscar a transmissão cultural e a práxis como retroalimentação entre teoria e prática social, pensar dialeticamente a formação?

### III. MORTE E VIDA FORMATIVA

Se as perguntas sobre as horas e o que fazer receberam uma volta a mais no parafuso com os processos da ditadura militar, receberam ainda outras voltas, tornaram-se mesmo gritantes no contexto contemporâneo da mundialização do capital, quando aumentam os “sacrifícios fantásticos”, exigindo novos e aprofundados estudos. A enumeração de tudo o que aconteceu a partir dos anos 1990-2000, na “era das emergências” segundo Paulo Arantes, é inviável, mas alguns pontos devem ser destacados: viu-se a reestruturação produtiva instalar-se com voracidade, com as consequências pesadas e desconfiguradoras para o mundo do trabalho, as micro e macro economias arruinadas nas periferias em benefício das bolhas especulativas e os ganhos de capital nos grandes centros; viu-se o fim da URSS, as guerras nacionalistas nos Bálcãs e na Ásia Central, as guerras do Golfo Pérsico, a desagregação de países inteiros na África e na América Central, as insurgências e contra-insurgências nos subúrbios de diversas cidades do mundo, as ondas migratórias contra as quais se construíram muros, leis de proteção da “nação” e campos de refugiados, os genocídios, as guerras civis e o colapso da modernização em todos os continentes. Viu-se, literalmente, o duplo horror terrorista-midiático do ataque às Torres Gêmeas em NY, a resposta “democrática” nas torturas de Guantánamo e, posteriormente, a caça a Bin Laden; o crescimento do ISIS e das milícias mafiosas latino-americanas; o colapso de numerosos Estados; as ocupações das ruas e escolas; as primaveras árabes; o acirramento do racismo e do machismo, resultando no aumento dos linchamentos, etnocídios, feminicídios e infanticídios, em todo o planeta, e por aí vai. Eis onde desaguava o fim da Guerra Fria e a prometida pax do contrato social cosmopolita kantiano. No Brasil, após os governos neoliberais de Fernando Henrique Cardoso e Color de Mello, a gestão petista administrava a barbárie com políticas públicas que misturavam doses de assistência social, de neoliberalismo e de violência de Estado, que aliviavam mas não curavam as dores nacionais, embora pudessem servir de modelo e ser exportadas; e as jornadas de

junho de 2013 mostravam os limites e contradições da experiência em curso, que acreditava livrar o país da onda da crise mundial de 2008. Mostravam-se também os dentes das (extrema)direitas que em breve começariam a morder, ajudando no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e no golpe de estado de 2016, no crescimento das milícias nas periferias e da violência em geral, na ascensão da necropolítica bolsonarista que objetiva e realiza o esfacelamento do Estado Nacional, destruindo a educação, cultura, saúde, arquivos públicos, armando adeptos e perseguindo opositores, apagando memórias e vidas...

Lançados neste contexto, *Ressentimento da Dialética, Sentido da Formação, A fratura Brasileira do Mundo, Extinção, O Novo Tempo do Mundo*, numerosas entrevistas, para mencionar apenas alguns trabalhos de Paulo Arantes, reiteram o anúncio da formação interrompida, a passagem da má-formação à deformação, ou melhor dizendo: a nossa formação é isto mesmo que se vê, não haverá um futuro a completar um processo evolutivo cujo modelo é a Europa ou os EUA; a modernização do Brasil é assim mesmo, os setores subdesenvolvidos necessariamente mantidos para alimentar os setores desenvolvidos, na economia e na cultura, dentro do país e em todo o mundo, como apontavam as Teorias da Dependência<sup>26</sup>. Tudo indica que estava certo Francisco de Oliveira desde os anos 1970, com sua “crítica da razão dualista”, pois o setor moderno da economia não era nacionalista e não ajudaria a superar o atraso, como pensavam os isebianos; o contrário ocorre e o Brasil figura-se como um ornitorrinco...

Em entrevista a Ricardo Mussi para a Revista *Praga* [nº4, 1997] quando do lançamento de *Sentido da Formação*, reproduzida ao final da edição eletrônica do livro, Paulo e Otília eram incisivos em defender, ao mesmo tempo, a formação inconclusa e não passível de conclusão e a importância da reflexão sobre a experiência material e intelectual nela embutida:

[...] *a construção nacional interrompida (para falar como Celso Furtado) não anula, antes exige, o ponto de vista histórico da formação justamente por ser um ponto de vista crítico, o único de que dispõe um intelectual na periferia, por sorte condenado ao comparatismo e portanto à “reflexão” que*

---

<sup>26</sup> Há várias vertentes, de Fernando Henrique Cardoso, que depois a renegou, a Rui Mauro Marini e Teotônio dos Santos, que a radicalizam, mas não cabe aqui a discussão de suas diferenças.

*o define como tal.* Rifar essa perspectiva alegando que passou o ciclo das formações nacionais, e que já é tempo de entroncarmos diretamente na universalidade “global”, além de reativar nosso balofo bovarismo de sempre (a moléstia de Nabuco, como diria Mário de Andrade), um devaneio de tamanho nacional e bem provinciano, é uma maneira de varrer para debaixo do tapete a marca cruel do subdesenvolvimento que nos deprime, sobretudo fingir não se sentir preocupado pela malformação local e sua trama de relações sociais horrorosas – aliás *é bom deixar claro que a velha e a nova pobreza, portanto a assim chamada “questão social”, continuam definindo um âmbito prático propriamente “nacional” incontornável por mais que se mundializem a economia e sua regulação política.* [Arantes, P. e Arantes, O., 2021, p.126-127]

A morte e a vida da formação são aconselháveis para o intelectual atento à experiência vivida na carne pelos brasileiros. Por isso, Paulo Arantes [2006] dedicou-se também a desmontar mais detidamente o conceito de nação, agora com base em Benedict Anderson, compreendendo-a como “comunidade imaginada” e para cuja imaginação contribuem grandemente a imprensa e o romance. Não necessariamente o romance histórico como queriam Bouvard et Pécuchet em epígrafe, nem o romance de formação clássico de corte goethiano, mas um simples romance, com as características estudadas aqui, patenteia a evidência histórica da exploração econômica e da desigualdade de classe que marcam indelevelmente a plasmação moderna da forma-nação. Vale lembrar a famosa assertiva do historiador francês Ernest Renan, no século XIX, quando se consolidavam os nacionalismos europeus, sobre a obrigatoriedade do esquecimento para se construir uma nação, o que demanda passar por cima das desigualdades, da violência das injustiças e guerras, das feridas ou traumas sociais. Bem o ilustra a desmemória dos acontecimentos de 1848 na França, como se vê no *18 Brumário de Marx*, na *Educação Sentimental* de Flaubert, no *Idiota da Família* de Sartre.

Tais leituras juntam-se ao debate francês sobre a ideia de “fratura” que Paulo Arantes traz no ensaio *A Fratura Brasileira do Mundo*<sup>27</sup>, no qual analisa a “brasilianização do mundo”

---

<sup>27</sup> Sigo a pista colocada por Fred Lyra na live “A fratura brasileira do mundo 20 anos depois” (2021), a respeito da palavra “fratura” no título de Paulo, que afirma ter sido uma ironia, pois não haverá como colar

como dinâmica transnacional em que a periferia se mundializa e o Brasil é seu modelo, significando que a situação contemporânea do Brasil é o ponto de chegada dos países “centrais” (Atlântico Norte) após 1968 e 1973, conforme observação de sociólogos alemães, franceses e norte-americanos acerca da “periferização do Centro”: lógicas de desconexão social vão naturalizando o princípio regulador da desigualdade, num processo que não é meramente cognitivo, nem relação estática, mas o fundamento de uma situação real de rebarbarização do ocidente [Zanotti, 2021, p.295-296]. Nas palavras de Marcos Lacerda, que assina a apresentação da edição portuguesa, o “país do futuro” tinha “algo a ensinar ao mundo, a despeito de nossa crudelíssima modernização conservadora. No entanto, o futuro se mostrou muito mais problemático”. A astúcia da história, (evidentemente há ecos hegelianos aqui), fez do Brasil uma câmara de decantação e transformou em novo espírito do capitalismo aquilo que poderia ser a contribuição brasileira ao mundo, a “singularidade” da cultura e das formas de sociabilidade que jamais se tornam de todo aburguesadas. “O limiar entre ordem e desordem, a nossa incapacidade de lidar com regras básicas de civilidade, a radical divisão de classe, tudo se transformou em regra mundial. Em outras palavras, a ‘dialética da malandragem’ atua agora em escala global.” [<https://sentimentodadialetica.org/dialetica/catalog/book/81>].

O Brasil não pertence mais ao vir-a-ser, o que consistia numa “mitologia compensatória” das dificuldades e tragédias nacionais, mas é o que é no presente, não-formado, mal-formado, transformado em deformado. E em escala mundial tudo segue assim: países de nexos sociais frouxos, onde os processos históricos contemporâneos tornaram a maior parte das populações em “sujeitos monetários sem dinheiro”, cuja inclusão em suas sociedades nacionais – ou nos países onde se refugiam ou para os quais imigram – se dá como excluídos a serem mortos, ou no melhor dos casos em trabalhadores destinados ao “trabalho sujo”. Países entregues às formas mais violentas de exploração econômica, quase nunca com as devidas mediações políticas, onde prima a descontinuidade nas relações materiais, o que condiciona, no âmbito da cultura, a ausência de condições para o que seria uma formação. Some-se a isso uma observação nada desprezível que se

---

o que foi fraturado. A live objetiva avaliar a atualidade das ideias deste livro, incluindo no debate o filme *A fratura*, de Catherine Corsini, lançado em junho de 2021 e vencedor do Queer Palm no Festival de Cannes desse ano. Diz Paulo: “a palavra ‘fratura’ vem do próprio vocabulário político francês da época do Chirac, é uma obsessão francesa, que abracei, aí o xis, é claro.” [Email de 4 fevereiro 2022]. Segundo informado no site [www.sentimentodadialetica.org](http://www.sentimentodadialetica.org), o ensaio foi publicado originalmente em 2001 como capítulo em *Polarização mundial e crescimento* [Fiori e Medeiros, 2001]; posteriormente em *Zero à Esquerda* [Arantes, 2004]. E em livro, em Portugal: *A fratura brasileira do mundo* [Arantes, 2019]. O site reproduz parte da introdução desse livro, que o apresenta exemplarmente.

encontra em *Extinção* [Arantes, 2007] acerca da disrupção moral que conduz à decomposição ética dos intelectuais que fizeram concessões à tortura após o atentado às Torres Gêmeas e o recrudescimento do terrorismo, como se este dissesse respeito apenas ao conflito de civilizações (sendo o oriente culpabilizado), sem maiores considerações sobre os horrores do capitalismo, nem sobre os crimes de lesa-humanidade que estavam a abrandar. Em suma, modernização sem emancipação significa a própria (de)formação social, intelectual e subjetiva dos centros mundiais que a lógica do capital destrói e das periferias que transitam em torno desses centros, o que ocorre dentro de um mesmo país e internacionalmente, entre países.

No novo tempo do mundo opera um “sistema jagunço” – Paulo ressoa a ideia de Gabriel Feltran – que se expande em circunvoluções dos sertões e favelas às cidades mundiais, garantindo grandes e pequenos negócios com todo tipo de violência civil, militar e policial, esgarçando ao máximo os frágeis laços sociais ainda existentes e achatando os horizontes de expectativas, o que reduz o tempo histórico a um presentismo avassalador<sup>28</sup>. Por isso também diversos autores polemizam com essa linhagem da teoria crítica brasileira, considerando inócua, abstrata ou inatual sua concepção de formação nacional, uma vez que esta já não mais existe, ou que não corresponde à *Bildung* à qual deveria corresponder, ou não tem sentido na literatura contemporânea, etc. etc. Estudados por Marino [op.cit.], que faz um levantamento dos principais argumentos críticos ao “sentido da formação” para rebatê-los e defender sua validade e atualidade, revelam-nos mais uma rodada da morte e vida formativa.

De modo geral, embora nem sempre, tais críticas à teoria crítica baseiam-se nas filosofias francesas da desconstrução, justo aquelas cujo funcionamento ideológico Paulo Arantes apontará em *Formação de Desconstrução* nas vitrines do museu da ideologia francesa. Esta é também formadora de opinião brasileira, por um lado, e por outro é objeto do exame severo do olhar desde a periferia e, como tal, mais agudo porque mais afeito a catástrofes e destroços, desde sempre: “A formação é bem-sucedida e por isso mesmo

---

<sup>28</sup> Misturo propositalmente reflexões de Paulo em obras diversas. Sobre o tempo do mundo na atualidade, ele elabora conceitos de Koselleck para a experiência histórica, como um campo de experiências em que se amalgamam passado e presente, vinculando um horizonte de expectativas futuras. Por sua vez, a ideia de jagunçagem chega via Feltran: “A expressão ‘sistema jagunço’, como assinalei na própria live, encontra-se em Guimarães Rosa e [é] estudada com inteligência no livro do Willy Bolle. Já a ideia, que acho mesmo notável, é inteirinha do Gabriel Feltran. Limitei-me ao comentário e às comparações do caso. [...] Um achado, o do Gabriel, que impressiona mesmo, sobretudo por vir de um estudioso de mais de vinte anos de periferia [...]”. [Paulo Arantes, email de 14 maio 2021].

malograda. Enquanto bem-sucedida, permite opinar; enquanto malograda, permite opinar sobre o malogro geral”, resume Zanotti no Posfácio [op.cit., p.298]. Ou seja, o ponto de vista periférico permite ver que formação incompleta (termo retirado de Celso Furtado, já se viu) e desconstrução não consistem apenas em um jogo de palavras que contrapõe algo que se faz, um país, uma nação, a algo que se desfaz, mas de mostrar – conforme se vê por exemplo, nos debates de Schwarz com Silviano Santiago – que a ideia mesma de desconstrução possui substrato real na dissolução social, no colapso da modernização e da civilização, e do mundo como até então o conhecíamos. Ou um conceito está fortemente vinculado ao cerne das experiências espaciais-temporais-sociais ou não é vital; vazio de sentido não cumpre sua função.

Assim sendo, cabe chamar a atenção para duas modalidades diferentes de “desconstrução” que aparecem aqui, envolvendo os conceitos de “formação” e “nação”, e outros correlatas: na linha francesa, esses conceitos se tornam des-substancializados, por serem tratados, na lógica geral da virada linguística, como palavras que podem ser desvinculadas das coisas materiais, sem referencialidade obrigatória, o que confere realidade prioritariamente à linguagem. Diferentemente, a desconstrução realizada pela teoria crítica se dá pelo desvelamento dos véus ideológicos, numa análise que vincula e tensiona os conceitos com a experiência histórica concreta e específica do Brasil inserido no sistema-mundo. Trata-se de ir contra o risco de uma transposição idealista de um problema real de desintegração social, como revela a fragmentação dos assim chamados movimentos identitários, e contra a banalização dos termos e seu uso como mero discurso descolado da materialidade do mundo. A epígrafe escolhida para um dos capítulos, os versos de João Cabral de Melo Neto retirados do poema *Faca Só Lâmina*, “Que a vida dessa faca/se mede pelo avesso” [p.205], tanto se refere à dialética da formação dada pela realidade conceitual de sua irrealização material, quanto ao *modus operandi* de uma ideologia que não deixa de ser crítica – Paulo observa numa das lives [2021c] como é duro fazer o desmonte ideológico de pensadores de esquerda –, mas que culmina involuntariamente por legitimar a lógica do capitalismo tardio. Desdobram-se desse raciocínio metáforas diversas para algo que não é a mera “desconstrução” de ideias, noções, categorias ou conceitos, e sim a desconstrução da própria realidade social/nacional em curso: fissuras, decomposição, destruição, fraturas, desconstrução, escombros, desmanches, vale repetir, estão no corpo social, na carne da vida.

Talvez restem muitas perguntas sem respostas definitivas<sup>29</sup>, como demonstram os sucessivos convites a Paulo Arantes para entrevistas e debates ao vivo. Uma vez que a “desconstrução” é real, e não meramente filosófica ou teórica, ocorre a desestabilização de experiências e conceitos longamente estabelecidos nas tradições historiográficas, como a própria noção da construção da nação, da identidade e da história nacional agora abaladas pela consciência do papel dos “excluídos” e “matáveis” na composição social. Se a fragmentação do sentido de nação é um desafio para a historiografia, mais ainda o é a ruptura do conceito de civilização e do próprio sentido de “humanidade”.

Neste ponto, vale acrescentar que o “sentido da formação” não tem apenas como fundamento o *telos* da civilização europeia, como reconhecem os próprios autores: podemos acrescentar que antes e sobretudo está em pauta a recusa do sofrimento e a perspectiva da emancipação. Já Adorno observava, na Introdução à *Dialética Negativa*, que enquanto houver sofrimento o moinho da história moerá vidas e ideias, e a filosofia precisa rever-se ou desfazer-se (diria Marx na 11ª Tese contra Feuerbach) para não perder o grão de sal que dá sentido negativo à experiência dolorosa e, por conseguinte, abre outras possibilidades à existência. Assim, se Paulo Arantes está certo ao dizer sobre a formação nacional brasileira: “mas que algo morreu, morreu mesmo”<sup>30</sup>, também devemos levar em conta a reflexão de Schwarz ao fechar “Os Sete Fôlegos de um Livro”:

Não digo isso com saudosismo, mas em espírito realista. O sistema [literário, cultural] passa a funcionar, ou pode funcionar, como algo real e construtivo na medida em que é um dos espaços onde podemos sentir o que está se decompondo. A contemplação da perda de uma força civilizatória não deixa de ser civilizatória a seu modo. [Schwarz, 1999, p.58]

Seja como for, uma teoria crítica digna do nome, e este é o caso, mantém como referencial, critério último ou fundamento (*telos* ou não *telos*, não importa) a perspectiva de emancipação, da qual não abre mão. Por isso, decerto, quando Paulo Arantes é

---

<sup>29</sup> A ser levada em conta, por exemplo, a crítica sobre o caráter regional do pensamento social brasileiro e, por decorrência, de todo este debate, centrado em pensadores do Sudeste. Como seria a problematização do prisma teórico de outros estados, NO, NE, CO? Haveria diferença? Tratar-se-ia de inclusão no sentido da nação, ou outra visão/conceituação totalmente diferente?

<sup>30</sup> Em email de 7 de fevereiro de 2022.

indagado sobre “e agora?”, “que fazer?” (o que acontece muito em suas conversas ao vivo), ele responde com o conselho dado por Marx no fim da vida: “Lutem!”

\*

### **Referências bibliográficas**

- AB’SABER, Tales. Brasil, a ausência significativa política (uma comunicação). In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 187-204.
- ABDALA Jr., Benjamin; CARA, Salete de Almeida (orgs.). *Moderno de nascença: Figurações críticas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ARANTES, Otilia e ARANTES, Paulo. *O Sentido da formação* [recurso eletrônico]: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. São Paulo: [s.n], 2021. [1.ed. 1997]
- ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- ARANTES, Paulo. *Ressentimento da Dialética - Dialética e Experiência Intelectual em Hegel* (Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã). São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ARANTES, Paulo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARANTES, Paulo. *A fratura brasileira do mundo*. Lisboa. Cadernos Ultramares, 2019.
- ARANTES, Paulo. *Formação e Desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. [Posfácio Giovani Zanotti]. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2021a.
- ARAÚJO, Valdei. *A Experiência do tempo: conceitos e narrativas na Formação Nacional Brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BARBOSA, Cairo de Sousa. “Terzo Mondo” em transe: Antonio Candido em Gênova e depois. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], v. 1, n. 76, p. 105-125, 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre história da cultura*. Obras Escolhidas I. 7.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. In: BRAUDEL, Fernand. In: *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura de dois gumes” e “Literatura e subdesenvolvimento”, In: CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antônio. *A formação da literatura brasileira*. Belo horizonte: Itatiaia, [1984].
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. O preço de uma reconciliação extorquida. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, Cesar. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre a Petrobrás e Brasília. In: CARVALHO, Maria Alice Resende (org.). *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p.155-173.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MAAR, Wolfgang Leo. Resenha de: ARANTES, Paulo. O ressentimento da dialética. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.154-165.
- MARINO, Rafael. *As figurações da formação no pensamento brasileiro*. Dissertação de Mestrado. FFLECH/USP, São Paulo, 2018.
- MARTINS, José de Souza. *A militarização da questão agrária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984
- MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MENDONÇA, Sônia. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- MENEGAT, Marildo. Prefácio: Um intelectual diante da barbárie”. In: ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014. p.9-26.

- MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. 2 vols. São Paulo: SENAC, 2000.
- NAVES, Rodrigo. *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PRADO Jr., Caio. *A Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1942.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 9.ed. ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHWARZ, Roberto. “Nacional por Subtração”, “Ideias fora do lugar”. In: SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- SCHWARZ, Roberto. Por que “ideias fora do lugar”. In: SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SUAREZ, Rosana. Notas sobre o conceito de Bildung (formação cultural). *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n° 112, Dez/2005, p. 191-198.
- TRAVERSO, Enzo. *A feu et à sang: De la guerre civile européenne 1914-1945*. France: Stock, 2007.
- WAIZBORT, Leopoldo. *A Passagem do Três ao Um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ZANOTTI, Giovanni. Posfácio: Na antecâmara da Ideologia Mundial. In: ARANTES, Paulo. *Formação e Desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2021.

**Debates ao vivo:**

- ARANTES, Paulo e RISEK, Cibele. Entre os escombros do presente. In: *Teoria Crítica e Educação*, 30/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=36DpRuaV2YQ>. Acesso: 24 jan. 2022.
- ARANTES, Paulo. Aviso de Incêndio: no museu da ideologia francesa. In: GARBOZA Jr., José Mauro; CICOTTE, Luiz. *desLEITURA, Filosofia, Ciência e Arte*, 31/03/2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9JxF6CFXe1M>. Acesso: Acesso: 24 jan. 2022.

ARANTES, Paulo. Entrevista com Paulo Arantes sobre o livro “Formação e Desconstrução” (Editora 34, 2021). In: SARACK, Caio. *Caio Sarak*. 19/03/2021c. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-8Ca\\_QJBw9Y](https://www.youtube.com/watch?v=-8Ca_QJBw9Y). Acesso: 24 jan. 2022.

ARANTES, Paulo. LIVE: A fratura brasileira do mundo 20 anos depois. In: *CRISES crítica, sociedade, espaço*. 8/12/2021d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yB1eBPvjno>. Acesso: 24 jan. 2022.

ARANTES, Paulo. Sobre a era de emergência em que vivemos. In: *Contra Conduas/Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea*, 16/02/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WzFmslF0ROk>. Acesso: 24 jan. 2022.

MENEGAT, Marildo. A gestão da barbárie no colapso da civilização. In: SOUTO, Caio. *Conversações filosóficas*. 3/10/2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0n9qoLVQ\\_e0](https://www.youtube.com/watch?v=0n9qoLVQ_e0). Acesso: 24 jan. 2022.